

Estrangeiros levantam incertezas sobre Olimpíada do Rio

Zika, segurança e venda de ingressos estão entre as dúvidas

A cada semana uma nova onda de preocupações surge no exterior sobre a [Olimpíada](#) ao mesmo tempo que a contagem regressiva para o início dos Jogos do Rio diminui. Se o prazo para resolver problemas está ficando curto, a percepção do estrangeiro acaba amplificando ainda mais as turbulências brasileiras. O COI alerta que os Jogos não terão o mesmo brilho que os anteriores, em Pequim (2008) e Londres (2012), mas pessoas ligadas ao movimento olímpico acreditam que os Jogos ocorrerão sem maiores problemas.

Vários temas provocam dúvidas e geram discussões internacionais. A bola da vez é a proliferação do zika, mas já foi a poluição da Baía de Guanabara, a criminalidade, os problemas de organização, a baixa venda de ingressos, os custos altos de hospedagem, os atrasos nas obras das instalações esportivas. A dificuldade econômica e a crise política só ajudam a aumentar as preocupações.

As próximas páginas traçam um panorama de como o estrangeiro vivencia o clima olímpico e quais são as maiores preocupações nessa reta final de preparação. Alguns atletas anunciaram que não pretendem vir ao Rio, mas as grandes estrelas, por enquanto, estão garantidas. O nadador Michael Phelps e o velocista Usain Bolt já avisaram que não temem a zika e querem mais uma vez sair dos Jogos como os grandes heróis.

Mundo se adapta à realidade brasileira na Olimpíada

COI alerta que Rio não repetirá Pequim-2008 ou Londres-2012

"O Brasil vive um momento mágico, excelente, com uma economia pujante. Damos todas as garantias possíveis para os Jogos." Foi assim que, em outubro de 2009, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva reagiu em Copenhague, na Dinamarca, diante da escolha do Rio para sediar a [Olimpíada](#). "O Brasil aprendeu a cumprir seus compromissos, isso porque precisamos todo dia mostrar ao mundo que o Brasil se tornou uma nação desenvolvida", completou.

Naquele momento, o mundo acreditou que o Rio embarcaria em um projeto bilionário. Mas sete anos depois, o que era para ser a vitrine do Brasil para o mundo evidenciou as incertezas do País. Tendo como pano de fundo a maior recessão em décadas, o Comitê Olímpico Internacional (COI), atletas e federações foram obrigados a rever seus planos e se adaptar à crise. Mesmo assim, mais de uma dezena

de pessoas ligadas ao esporte, ouvidas pelo Estado, garantem que a Olimpíada vai ocorrer sem grandes problemas. O COI alertou as federações internacionais, no entanto, para não esperar que o Rio repita os Jogos de 2008, em Pequim, e 2012, em Londres.

Os Jogos de 2016 ainda terão um impacto futuro: o de forçar o movimento olímpico a mudar a forma pela qual novas sedes no futuro serão escolhidas, na esperança de não repetir a experiência do Rio. Faltando menos de dois meses, o plano inicial era de usar o momento para promover o Brasil no exterior. Mas, com as dificuldades econômicas pelas quais passa o País, essa campanha não existe. Em seu lugar, a agenda internacional é dominada pelo zika vírus, crise financeira, instabilidade política, dúvidas sobre a segurança, poluição nas águas, atrasos em obras e corrupção.

"Se olharmos o que ocorreu nos últimos sete anos, o País passou de uma situação em que estava em alta política e economicamente. Tudo ia bem. E, depois, tudo deu errado. O mundo político em desordem, a economia em desordem e socialmente em desordem", disse o vice-presidente do COI, Craig Reedie. "Nessas circunstâncias, o Comitê Organizador fez um grande trabalho, conseguindo levar o evento adiante", afirmou.

Oficialmente, o presidente do COI, Thomas Bach, não se cansa de insistir que o evento será "fantástico". Mas entre o discurso oficial e o extraoficial, a distância é grande. Em março, enquanto Bach dizia que "não estava preocupado", documentos internos do COI apontavam para uma crise na organização do evento.

A ordem, nos últimos meses, passou a ser ajudar o Rio. Para as declarações em público, a orientação era a de não envergonhar o Brasil. Internamente, a estratégia foi a de mandar os técnicos do COI ao Brasil, reduzir os serviços planejados, cortar gastos e exigências e orientar o mundo a reduzir expectativas.

O resgate foi também financeiro, já que o evento que ainda tem 2 milhões de ingressos encalhados e sem novos patrocinadores. O COI antecipou pagamentos ao Rio que iriam chegar apenas em agosto, na esperança de concluir algumas obras. Mas Bach vai pedir nesta semana em Brasília que o presidente interino, Michel Temer, acelere a liberação de recursos, principalmente para garantir o abastecimento de energia nos locais do evento e para a segurança.

ADAPTAÇÃO

Enquanto isso, todos se adequam à nova realidades. Em maio, uma reunião entre cerca de 50 comitês olímpicos europeus concluiu que a comunidade internacional precisa abrir mão de suas exigências e desembarcar no Rio. Entre alguns dirigentes, a percepção é de que chegou a vez de o movimento olímpico abrir mão de suas exigências no Rio, diante da crise, e evitar pedir dinheiro público, sob o risco de ver uma reação negativa contra o COI, como ocorreu no caso da Fifa em 2014 na Copa.

"Ninguém jamais poderia imaginar em 2009, quando demos os Jogos ao Rio, que o Brasil estaria nessa situação dramática", disse o diretor executivo da Federação Internacional de Remo, Matt Smith. "Não tivemos opção senão a de aceitar mudanças em nossas estruturas. O que não podemos é ter um novo Montreal", em referência aos Jogos de 1976, que deixaram uma dívida de décadas. "O Rio precisa ser um alerta de que os Jogos não podem mais ser como antes", insistiu.

Mas nem todos estão dispostos a adotar essa postura. Em reuniões fechadas, a Federação Internacional do Judô atacou o COI por ter tomado, em 2009, uma decisão "política" de dar ao Rio o evento. O alemão Jens Weinreich, um dos principais colunistas esportivos na Europa e especialistas em Jogos Olímpicos, também é da mesma opinião. "Está provado que Rio 2016 foi uma decisão errada", disse. "O Rio tinha uma das candidaturas mais fracas e, ainda assim, ficou com os Jogos". "O Rio e o Brasil deveriam se concentrar em resolver seus problemas sociais e corrupção. A Olimpíada não vai ajudar", alertou.

Embaixadas agem para informar turistas nos Jogos do Rio

Orientações englobam saúde, segurança, transporte e cultura

O Rio de Janeiro espera receber 500 mil turistas estrangeiros durante os [Jogos Olímpicos e Paralímpicos](#). Apesar da preocupação global diante do surto do vírus zika, a previsão continua a mesma. As desistências pontuais, especialmente de mulheres grávidas, devem ser compensadas pelo fluxo de visitantes isentos de visto. A 55 dias da abertura da competição, embaixadas e consulados agem para deixar os visitantes informados. As orientações englobam saúde, segurança e transporte.

Os dez órgãos ouvidos pelo Estado recomendam uso de calças compridas, camisetas de manga longa e repelente para evitar a picada do mosquito *Aedes aegypti* – transmissor de dengue, zika e chikungunya. A missão diplomática dos Estados Unidos repassa as informações dos Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) aos cidadãos americanos.

Além das medidas básicas, o Consulado-Geral da Alemanha no Rio acrescenta que se deve evitar engravidar nas oito semanas seguintes à viagem e diz que "as grávidas são aconselhadas a, na volta, consultar um ginecologista." O Consulado-Geral do Canadá também alerta: "As pessoas devem discutir com seus médicos antes de viajarem para o Rio." A situação ainda tem sido acompanhada de perto pelo Consulado-Geral da Rússia.

A segurança é outra preocupação. Dez mil exemplares de folhetos estão sendo distribuídos por agências de turismo japonesas, e algumas palestras estão no planejamento da Embaixada do Japão. O Consulado-Geral da França também organizou um encontro no Rio a 100 dias dos Jogos e repassou o conselho de "não comprar ingressos de cambistas". O Consulado-Geral da Itália conta com apoio de uma companhia aérea na divulgação das informações.

A instável situação política brasileira é lembrada pela Embaixada da Austrália, que diz para os australianos ficarem longe de protestos. O mesmo conselho é dado pelo governo britânico, preocupado com possíveis incidentes violentos nas manifestações. "Greves envolvendo transporte e segurança podem ocorrer. Monitorar a mídia local para atualizações", ressalta.

O deslocamento está na lista de recomendações do Consulado-Geral do Canadá. "Dirigir é perigoso no Brasil. Ultrapassagens imprudentes, velocidade excessiva e péssima manutenção das estradas fazem o Brasil ter uma das taxas de acidentes mais altas do mundo", destaca.

Em contrapartida, as diferenças culturais estão entre as prioridades do Consulado-Geral da China. "Recomendamos que busquem conhecer a história e os costumes brasileiros, respeitem as normas sociais, façam viagens de maneira civilizada e amizade com os brasileiros." Os Estados Unidos também falam em uma visita "agradável". "A campanha #USinRIO envolverá brasileiros e americanos no espírito da competição."

PARTICIPE

Quer saber tudo dos Jogos Olímpicos do Rio? [Adicione o número \(11\) 99371-2832 aos seus contatos, mande um WhatsApp para nós](#) e passe a receber as principais notícias e informações sobre o maior evento esportivo do mundo através do aplicativo. Faça parte do time "**Estadão Rio-2016**" e convide seus amigos para participar também!